

Melin, F. M. O., & Pereira, B. (2016). Perfis dos intervenientes no bullying escolar: atitudes e comportamentos na agressão entre pares. In B. Pereira, A. J. G. Barbosa, & L. M. Lourenço (Eds.), *Estudos sobre bullying: família, escola e atores* (pp. 179-209). Curitiba: CRV.



Universidade do Minho
Instituto de Educação
Centro de Investigação
em Estudos da Criança (CIEC)



Professora Doutora

Maria Beatriz Ferreira Leite de Oliveira Pereira (Pereira, Beatriz)

Category: Full Professor

Institution: Universidade do Minho (UMinho)

Email: beatriz@ie.uminho.pt

Online CV: <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=2030897209377539>

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Editora CRV
Revisão: Os Autores
Conselho Editorial:

Prof. Dr. Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR)	Prof. Dr. João Adalberto Campato Junior (FAP - SP)
Prof. Dr. Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)	Prof. Dr. Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
Prof. Dr. Carlos Alberto Vilar Estêvão	Prof. Dr. Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
- (Universidade do Minho, UMINHO, Portugal)	Prof. Dr. Lourdes Helena da Silva (UFV)
Prof. Dr. Carlos Frederico Dominguez Avila (UNIEURO - DF)	Prof. Dr. Josania Portela (UFPI)
Prof. Dr. Carmen Tereza Velanga (UNIR)	Prof. Dr. Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNICAMP)
Prof. Dr. Celso Conti (UFSCar)	Prof. Dr. Maria Lilia Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Prof. Dr. Cesar Gerônimo Tello	Prof. Dr. Paulo Romualdo Hernandez (UNIFAL - MG)
- (Universidad Nacional de Trés de Febrero - Argentina)	Prof. Dr. Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Prof. Dr. Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)	Prof. Dr. Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Prof. Dr. Élsio José Corá (Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS)	Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Prof. Dr. Gloria Fariñas León (Universidade de La Havana - Cuba)	Prof. Dr. Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Prof. Dr. Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)	Prof. Dr. Sydione Santos (UEPG PR)
Prof. Dr. Guillermo Arias Beatón (Universidade de La Havana - Cuba)	Prof. Dr. Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
	Prof. Dr. Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Este livro foi aprovado pelo Conselho Editorial.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E79

Estudos sobre o bullying: família, escola e atores. / Maria Beatriz Ferreira Leite de Oliveira Pereira, Altemir José Gonçalves Barbosa, Lélío Moura Lourenço. (organizadores) - Curitiba: CRV, 2016.
258 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-444-0904-6

I. Educação - bullying 2. Educação - família 3. Educação - escola I. Pereira, Maria Beatriz Ferreira Leite de Oliveira. org. II. Barbosa, Altemir José Gonçalves. org. III. Lourenço, Lélío Moura. org. IV. Título V. Série.

CDD 371.58

Índice para catálogo sistemático
1. Bullying 371.58

2016

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV
Todos os direitos desta edição reservados pela:
Editora CRV
Tel.: (41) 3039-6418
www.editoracrv.com.br
E-mail: sac@editoracrv.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... 7

Altemir José Gonçalves Barbosa
Beatriz Pereira
Lélío Moura Lourenço

Parte 1 O Bullying e o Contexto Familiar

O BULLYING E O USO DE PUNIÇÕES AGRESSIVAS PELOS PAIS 13

Graziela Aline Hartmann Zottis
Elizeth Heldt

BULLYING ESCOLAR E LAÇOS FAMILIARES: dimensões contextuais do fenômeno no estado da arte 29

Wanderlei Abadio de Oliveira
Jorge Luiz da Silva
Julliane Messias Cordeiro Sampaio
Marta Angélica Iossi Silva

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E BULLYING EM UMA AMOSTRA DE ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL..... 47

Luciana Xavier Senra
Lélío Moura Lourenço
Marcel de Toledo Vieira

Parte 2 Bullying, Aprendizagem e Educação Escolar

AS REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE O BULLYING..... 79

Maria Lourdes Gisi
Romilda Teodora Ens
Ana Maria Eyng

VIVÊNCIAS DE BULLYING E RISCO DE INSUCESSO ESCOLAR 101

Amália Rebolo Marques

BULLYING E MOTIVAÇÃO PARA APRENDER 121

Juliana Célia de Oliveira
Andréze Cristine Nascimento Silva
Altemir José Gonçalves Barbosa

PERFIS DOS INTERVENIENTES NO *BULLYING* ESCOLAR: atitudes e comportamentos na agressão entre pares

Fernando Marcelo Ornelas Melim
Beatriz Pereira

Na literatura podemos encontrar um significativo número de definições de “*bullying*”, algumas conceptualmente mais próximas do que outras, no entanto percebemos que alguns aspetos parecem comuns a todas as definições. Nomeadamente, a referência ao abuso de poder por parte do agressor; a repetição do comportamento, ou pelo menos a ameaça de que se pode repetir; a intenção deliberada de prejudicar ou magoar o outro e a situação de vulnerabilidade da vítima (Olweus, 1993; Pereira, 2008; Rigby, 2007; Sharp; Smith, 1994).

No âmbito deste trabalho definimos *bullying* como a agressão entre jovens, intencional e frequente, capaz de causar danos ou magoar, tais como: ameaçar, chantagear, chamar nomes, gozar, levantar falsos testemunhos, contar segredos, praxar de forma violenta, pôr de parte um(a) colega, ignorá-lo (a), bater, empurrar e tirar objetos de valor. O *ciberbullying*, em particular, corresponde ao *bullying* que é realizado através do uso de tecnologia, tal como telemóveis e internet.

O *bullying* é um fenómeno ecológico que emerge dos contextos sociais, físicos, institucionais e comunitários, assim como das características individuais dos jovens que agredem e que são vitimizados (Swearer & Doll, 2001). Em virtude das variadas causas do *bullying*, é importante ter em consideração as características comportamentais e atitudinais dos alunos envolvidos neste problema.

O principal objetivo deste estudo consistiu em identificar e caracterizar os alunos que estão diretamente implicados no *bullying* face aos seus colegas não envolvidos neste problema. Para tal, pretendeu-se em primeiro lugar definir os grupos com distintos posicionamentos no *bullying* com base na frequência dos seus comportamentos de vitimização e agressão, seguidamente, aprofundou-se o conhecimento sobre estes jovens que agredem e/ou que são agredidos pelos seus pares, de acordo com algumas variáveis intrínsecas ao comportamento *bullying* (atitudes perante o *bullying*, reações à agressão, colaboração no *bullying* a outros colegas, etc.). Desejamos igualmente

confirmar a adequabilidade da sistematização utilizada pela literatura especializada para organizar os alunos em função da sua participação no *bullying*: vítimas, agressores, vítimas agressoras e neutros (ou não envolvidos).

Sistematização dos grupos de indivíduos envolvidos em *bullying*

Stein, Dukes e Warren (2007), distinguem quatro grupos no âmbito de uma situação de *bullying*: os agressores/*bullies*, aqueles que apenas agredem as outras crianças; as vítimas, que são as crianças vitimadas pelos agressores/*bullies*; as vítimas agressoras/*bully-victims*, que são crianças que agredem os colegas mas que também são vítimas de *bullying* e as crianças neutras, que não têm participação neste fenómeno. Rigby (2007), refere que para além destes são também protagonistas, no palco do *bullying*, os apoiantes dos agressores e os apoiantes das vítimas.

Todos quantos estão presentes quando ocorre um comportamento destes têm um determinado impacto na situação. Alguns estão ativamente envolvidos como são os casos do agressor, da vítima, do defensor da vítima ou do apoiante do agressor, enquanto outros desempenham um papel mais passivo como espectadores ou observadores, mas, geralmente todas as pessoas presentes acabam por ter influencia na situação de *bullying* através do seu comportamento, levando a uma situação social muito complexa que é um desafio para todos os implicados (Kumpulainen, 2008).

Os intervenientes diretos no *bullying*

O agressor

Pereira (2006) alerta para o facto de que “falar de agressores é falar de perfis diversificados. Ao procurarmos padronizar o perfil do agressor podemos não falar de todos os tipos existentes”. (p. 49).

Investigação recente (Pepler, Craig, Jiang & Connolly, 2008) começou a esclarecer a diversidade existente entre crianças que agredem/*bully*. Algumas crianças têm problemas sérios com a agressão e a sua autorregulação; outros são socialmente competentes e membros centrais do grupo de pares que aprenderam a adquirir o poder através do *bullying*.

No estudo de Swearer e Cary (2007), com o intuito de avaliar as percepções e atitudes dos alunos em relação ao *bullying* descobriu-se que os agressores/*bullies* estão mais inclinados a compreender outros agressores, a

sentir menos empatia pelo sofrimento das vítimas, têm menos probabilidade de intervir quando testemunham um episódio de *bullying* e mais provavelmente juntar-se-ão a outros na agressão/*bullying* de crianças que não gostam.

Existem várias sistematizações distintas das características da criança agressora, em todas encontramos aspetos relevantes para a compreensão do seu comportamento. Com base na informação apresentada por vários autores tentamos elaborar um perfil do agressor que reunisse algumas das suas características:

1. Sexo: sexo masculino como principal agressor (numa proporção de 3 para 1) (Glew, Fan, Katon, Rivara & Kernic, 2005; Olweus, 1993; Pereira, Mendonça, Neto, Valente & Smith, 2004; Piedra, Lago & Massa, 2006);
2. Idade: pode ser da mesma idade ou um pouco mais velho que a vítima (mas geralmente são um pouco mais velhos do que os alunos que vitimizam); ter 12 a 13 anos de idade; ser dos elementos mais velhos do grupo de pares (Glew et al., 2005; Olweus, 1993; Pereira et al., 2004; Rigby, 2007);
3. Aspeto físico: maiores e mais fortes do que a média das crianças da sua idade. O que parece caracterizar o rapaz agressor é a combinação de um padrão de reação agressivo e a força física. (Olweus, 1993; Piedra et al., 2006; Rigby, 2007);
4. Competências e atributos: são fisicamente competentes e eficazes em atividades lúdicas, desportos e lutas (aplica-se particularmente aos rapazes); as características típicas das raparigas agressoras são menos conhecidas, normalmente, utilizam meios menos visíveis e mais sorrateiros de perseguição tais como difamar, caluniar, espalhar rumores e manipular as relações de amizade dentro da turma (Olweus, 1993);
5. Posicionamento social: podem ter uma popularidade média, baixa ou alta entre os seus pares, mas frequentemente têm pelo menos o apoio de um reduzido número de colegas; nos 2º e 3º ciclos, estes alunos tendem a ser menos populares do que na escola primária; pertencer a uma classe social mais baixa parece aumentar a probabilidade de se ser agressor (Olweus, 1993; Pereira et al., 2004);
6. Desempenho escolar: em relação ao desempenho escolar poderão encontrar-se na média, acima ou abaixo desta durante a escola primária, mas posteriormente começam a baixar as notas (embora nem sempre) e desenvolvem uma atitude negativa em relação à escola; as notas e os anos de reprovação também são fatores

significativamente associados a ser agressor, quantas mais reprovações tiver uma criança mais probabilidade tem de ser agressora; Aparentemente, estes alunos têm falta de motivação e de interesse pela escola e agredir os outros poderá ser uma forma de chamar à atenção ou uma tentativa de obter estatuto no interior de um novo grupo de pares. Neste sentido, é possível que este tipo de agressão seja uma forma de compensar a falta de sucesso nos assuntos escolares (Olweus, 1993; Pereira et al., 2004);

7. Família: falta de coesão familiar; falta de afeto em relação à criança; estilos parentais autoritários mas inconsistentes; ambivalência no envolvimento com os irmãos e uma má gestão dos conflitos fraternais por partes dos pais; famílias onde é usado o castigo físico; modelos adultos agressivos; as crianças aprendem a resolver os seus problemas através do uso da força física (Beane, 2006; Bauer et al., 2006; Lines, 2008; Pereira, 2008).

A vítima

Sharp e Smith (1994), consideram que os alunos que não têm amigos na escola, encontrando-se muitas vezes sozinhos ou que sentem dificuldade em ser assertivos com os seus pares, têm mais probabilidade de serem agredidos/*bullied*. Também aqueles alunos que são percebidos como diferentes de alguma forma, pela maioria dos colegas podem também encontrar-se em risco. No estudo de Swearer e Cary (2007), com o intuito de avaliar as percepções e atitudes dos alunos em relação ao *bullying*, as vítimas apontaram vários motivos para as agressões de que eram alvo: “sou gordo”, “a forma como me visto”, “o meu aspeto”, “devido aos meus dentes” e “sou mais inteligente que muitas pessoas”.

Existem várias sistematizações distintas das características da criança vitimada, em todas encontramos aspetos relevantes para a compreensão do seu perfil. Com base na informação apresentada por vários autores tentamos elaborar um perfil da vítima que reunisse os aspetos mais determinantes das suas principais características:

1. Sexo: em geral aceita-se que o papel da vítima se divide em proporções iguais, embora alguns investigadores refram que existem mais rapazes vitimizados (Pereira et al., 2004; Piedra et al., 2006);
2. Idade: As crianças vitimadas provavelmente serão da mesma idade ou mais novas do que os seus agressores (Glew et al., 2005; Smith; Monks, 2008);

3. Aspeto físico: costumam ser de complexão mais frágil do que os seus pares (aplica-se particularmente aos rapazes), por vezes acompanhada por algum tipo de incapacidade; a obesidade no jovem pode aumentar a sua predisposição à vitimização (Janssen, Craig, Boyce, & Pickett, 2004; Olweus, 1993; Piedra et al., 2006);
4. Competências e atributos: as crianças vítimas não são assertivas e não dominam algumas competências sociais tais como cooperação, partilha e ajuda; podem ter receio de se magoar ou que outros os magoem (Olweus, 1993; Pereira, 2008);
5. Posicionamento social: As vítimas experienciam com mais frequência pouca aceitação, são menos escolhidas como melhores amigos e muitas vezes são excluídas socialmente; têm dificuldade em afirmar-se no grupo de pares porque muitas vezes relacionam-se melhor com os adultos (pais e professores) do que com os seus pares (Olweus, 1993; Pereira, 2008; Rigby, 2007);
6. Desempenho escolar: podem ter um aproveitamento escolar bom, médio ou fraco, mas seja qual for o caso, mediante um problema de *bullying* prolongado, baixam as notas no decorrer do percurso escolar (Olweus, 1993).
7. Família: Famílias em que as crianças tendem a ser demasiado protegidas. Os rapazes vitimados, normalmente, têm um contacto mais próximo e relacionamentos mais positivos com os seus pais e normalmente com as suas mães, do que os rapazes em geral. Esta relação de proximidade pode ser percebida como sobreproteção (Olweus, 1993; Rigby, 2007).

Contudo, atualmente, o conceito de vítima está a ser revisto face a realidade observada nas escolas. No dia a dia escolar, verificamos que alguns alunos vitimados não correspondem ao protótipo do jovem acima descrito. É possível que crianças com um desenvolvimento normal e socialmente integradas também sejam vítimas de *bullying*, simplesmente porque foram surpreendidas num contexto desfavorável. Após uma primeira agressão inesperada, estas crianças podem ficar constrangidas e não expressar uma resposta assertiva. Este aspeto pode, desde logo, reforçar o comportamento do agressor e potenciar futuros ataques.

A vítima-agressora

Muitas crianças que são frequentemente vitimadas acabam igualmente por agredir outros jovens. É a chamada “vítima agressora”. Tal como os agressores, estes jovens exibem elevados níveis de agressão física e verbal mas o seu comportamento difere significativamente dos agressores tradicionais. Por este motivo devem ser considerados separadamente tanto dos agressores “puros”, como das vítimas “puras”. Manifestam simultaneamente um significativo comportamento externalizado e hiperativo, mas também indicadores de depressão, falta de autoestima, de competência académica e de aceitação social (Sourander, Jensen, Rönning, Niemelä et al., 2007; Wolke, Woods, Bloomfield, & Karstadt, 2001).

A experiência de vitimização às mãos dos pares prediz violência retaliativa por parte das vítimas. Estas poderão reproduzir a agressão de que foram vítimas. Há uma associação entre vitimização e agressão, especificamente, entre 5% a 10% das crianças que foram vítimas dos seus pares são elas próprias agressivas em relação aos outros (Pellegrini, Bartini & Brooks, 1999). Para os autores, estas crianças envolvem-se frequentemente em conflitos emocionalmente carregados que tendem a gerir de forma pouco satisfatória. Deste modo percebemos como a vitimização poderá desempenhar um papel importante na ocorrência da violência escolar.

Podemos apontar algumas das lógicas intrínsecas subjacentes a este *bullying* com origem nas próprias vítimas e de acordo com vários autores:

Há crianças que pensam que se agirem como os agressores/*bullies* podem obter tudo o que quiserem, pelo que se tornam em vítimas agressoras (Piedra et al., 2006);

Uma criança que é continuamente agredida na escola, poderá sentir-se muito frustrada porque a sua raiva, à partida, não pode ser expressa diretamente contra o agressor. Pode então ocorrer um deslocamento – em que o indivíduo transfere sentimentos, emoções e impulsos para uma pessoa a quem originalmente não se dirigiam – e uma vítima inocente sofrer as consequências, numa espécie de “efeito dominó” (Rigby, 2002);

No estudo de Swearer e Cary (2007), com o intuito de avaliar as percepções e atitudes dos alunos em relação ao *bullying*, também houve interesse em saber se os alunos que experienciam *bullying* na escola também o sentiam em contexto familiar. Aproximadamente 70% das vítimas responderam que não eram agredidas/*bullied* em casa, enquanto que a maioria das vítimas agressoras relataram que o eram e que os seus irmãos ou irmãs eram os principais perpetradores desse *bullying*. As respostas às questões abertas destes alunos estavam associadas a sentimentos de vingança. Por exemplo,

“eles agrediram-me, então eu também os agredi”. No caso destes jovens, dada a conexão do *bullying* escolar com o *bullying* familiar, as suas respostas podem estar associadas a aspetos relacionados com a falta de equidade e justiça nas relações entre irmãos.

Método

Estudo descritivo de delineamento transversal que incide sobre os alunos das escolas públicas dos 2º e 3º ciclos da Região Autónoma da Madeira (Portugal).

Amostra

Amostra por clusters estratificada em meio rural e urbano, constituída por 1.818 alunos, pertencentes a 88 turmas do 5º ao 9º anos de escolaridade, de três escolas públicas localizadas em três municípios da referida região autónoma.

As idades dos alunos deste estudo estão compreendidas entre os 10 e os 18 anos, com 93,5% (n=1700) da amostra concentrada entre os 10 e os 15 anos. A média de idades situa-se nos 12,8 anos com um desvio padrão de 1,7. A amostra de acordo com o género é constituída por 914 raparigas (50,3%) e 904 rapazes (49,7%).

Instrumentos

A técnica de recolha de dados usada neste estudo foi o inquérito por questionário. Foi utilizado um questionário original de Olweus (1989), adaptado para a língua portuguesa e validado para a população escolar portuguesa por Pereira e Tomás (1994 cit. em Pereira, 2008) e revisto para este estudo em 2010. O questionário foi aplicado durante o terceiro período do ano letivo 2009/2010. Todas as questões remetiam apenas para esse período de tempo.

Procedimentos estatísticos

Em conformidade com grandes estudos transnacionais, como o *Health Behaviour in School-aged Children* - HBSC e o *Global School-based Student Health Survey* – GSHS, considera-se a participação em fenómenos de

bullying desde que seja registada pelo menos uma ocorrência durante o período estudado e não apenas quando tal ocorre duas ou mais vezes (Due & Holstein, 2008).

Escury e Dudink (2010), afirmam que a vitimização por *bullying* é uma experiência subjetiva, uma vez que alguns critérios deste conceito estão dependentes da interpretação individual, tais como o “fazer mal” ou “repetidamente”, os autores sustentam que mesmo uma experiência isolada de *bullying* pode ter um impacto suficientemente forte para causar consequências imediatas ou mesmo crónicas. Se o aluno sente que foi agredido, se experiencia o medo e se sofre a perturbação do seu normal funcionamento social, então o efeito daquele episódio de *bullying* perdurará por um considerável período de tempo, ainda que a agressão não se tenha repetido.

Definição dos grupos de envolvimento no *bullying*

Seguindo os critérios adiante descritos, distinguimos os alunos deste estudo em cinco categorias, sendo elas: *não envolvido*, *vítima passiva*, *vítima não passiva*, *vítima agressora* e *agressor*. Procedeu-se à sistematização dos alunos por cinco grupos de envolvimento no *bullying*, em vez dos tradicionais quatro, surgindo o novo grupo das “vítimas não passivas”;

- os “*não envolvidos*” são os alunos que não reportaram qualquer experiência de *bullying*, tanto na vitimização como na agressão;
- as “*vítimas passivas*” são o grupo constituído pelos alunos que apenas registaram ocorrências ao nível da vitimização de forma moderada, 1 ou 2 vezes, ou mais intensa, “3 ou mais vezes”;
- as “*vítimas não passivas*” são os alunos que registaram 1 ou 2 vezes tanto na vitimização como na agressão. Podemos considerar que são vítimas que reagem menos passivamente mas sem as podermos considerar realmente agressoras;
- as “*vítimas agressoras*” são os alunos mais vitimados, 3 ou mais vezes, mas que assumiram igualmente agredir os colegas, tanto 1 ou 2 vezes como 3 ou mais vezes;
- finalmente o grupo dos “*agressores*”, constituído pelos alunos que apenas registaram agressões aos seus pares, 1 ou 2 vezes ou 3 ou mais vezes, assim como os alunos com uma elevada tendência para agredir, 3 ou mais vezes, mas que também se queixaram de vitimização, embora apenas em 1 ou 2 vezes.

Resultados

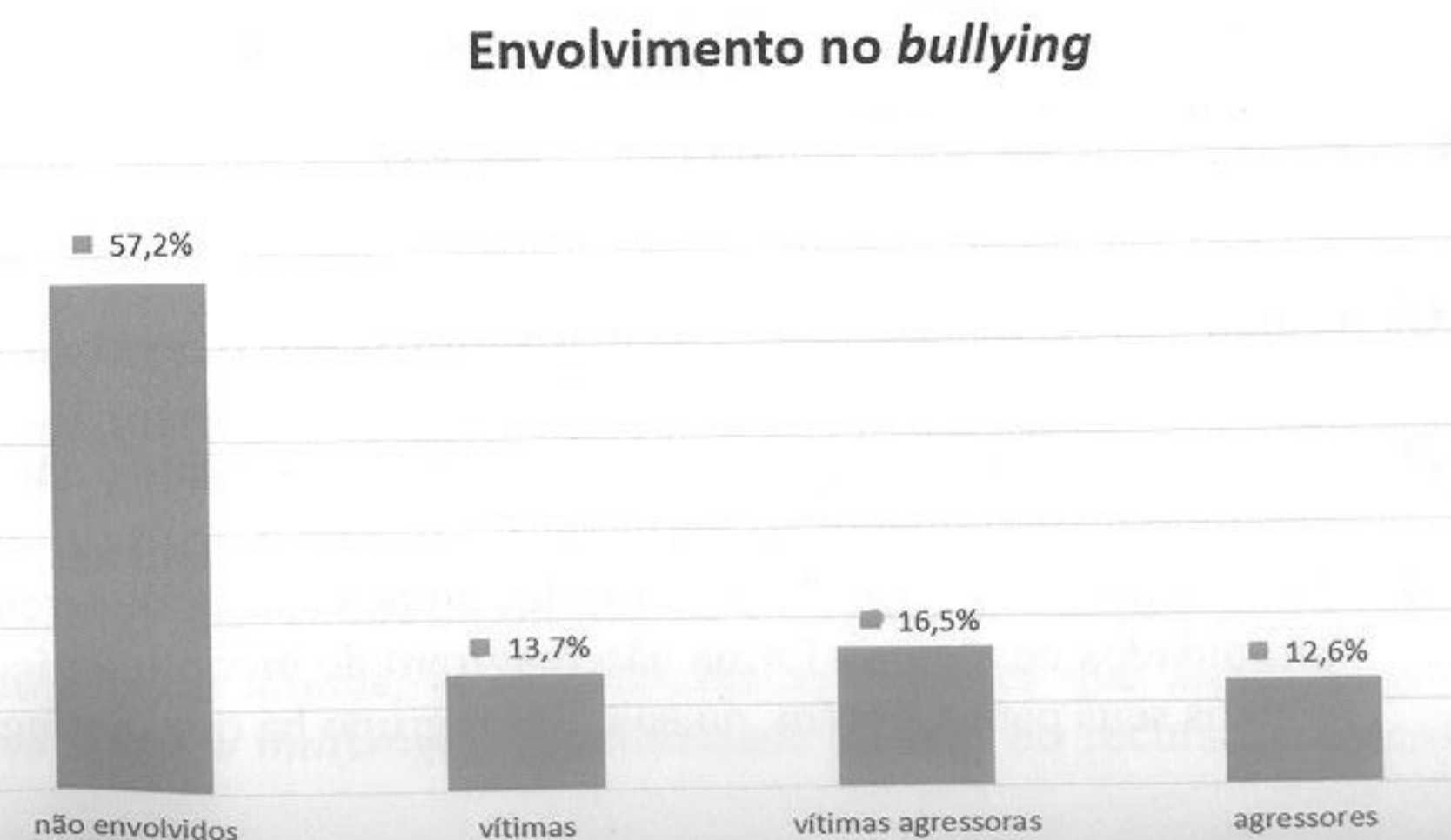
Os diferentes grupos de envolvimento dos alunos face ao *bullying*

Relativamente ao processo de agressão/vitimização podemos começar por expor os resultados em função da sistematização geralmente apresentada pela literatura internacional e consensualmente aceite ao nível da investigação nesta área. Nesta forma clássica de organizar o posicionamento dos alunos em relação ao fenómeno do *bullying*, são considerados “*não envolvidos*” os alunos sem registos de vitimização/*bullying* ou de agressão/*bullying*, são “*vítimas*” os jovens que apenas registam ocorrências de vitimização, independentemente da sua frequência, são “*agressores*” os alunos que apenas registam ocorrências de agressão, independentemente da sua regularidade e finalmente são classificados como “*vítimas agressoras*” os jovens que assinalam simultaneamente ocorrências de vitimização e de agressão, sem que sejam tidas em consideração as suas frequências (ver Tabela 3 e Figura 1 apresentadas seguidamente).

Tabela 3
Sistematização dos alunos pelos grupos de envolvimento tradicionalmente definidos

Grupos de envolvimento	f	%
não envolvidos	1040	57,2
vítimas	249	13,7
vítimas agressoras	300	16,5
agressores	229	12,6
Total	1818	100,0

Figura 1. Distribuição dos alunos por 4 grupos de envolvimento no *bullying*



Principalmente devido ao inesperado número de alunos pertencentes ao grupo das vítimas agressoras (16,5%; n=300), seguimos para uma análise mais pormenorizada, à luz de uma nova sistematização.

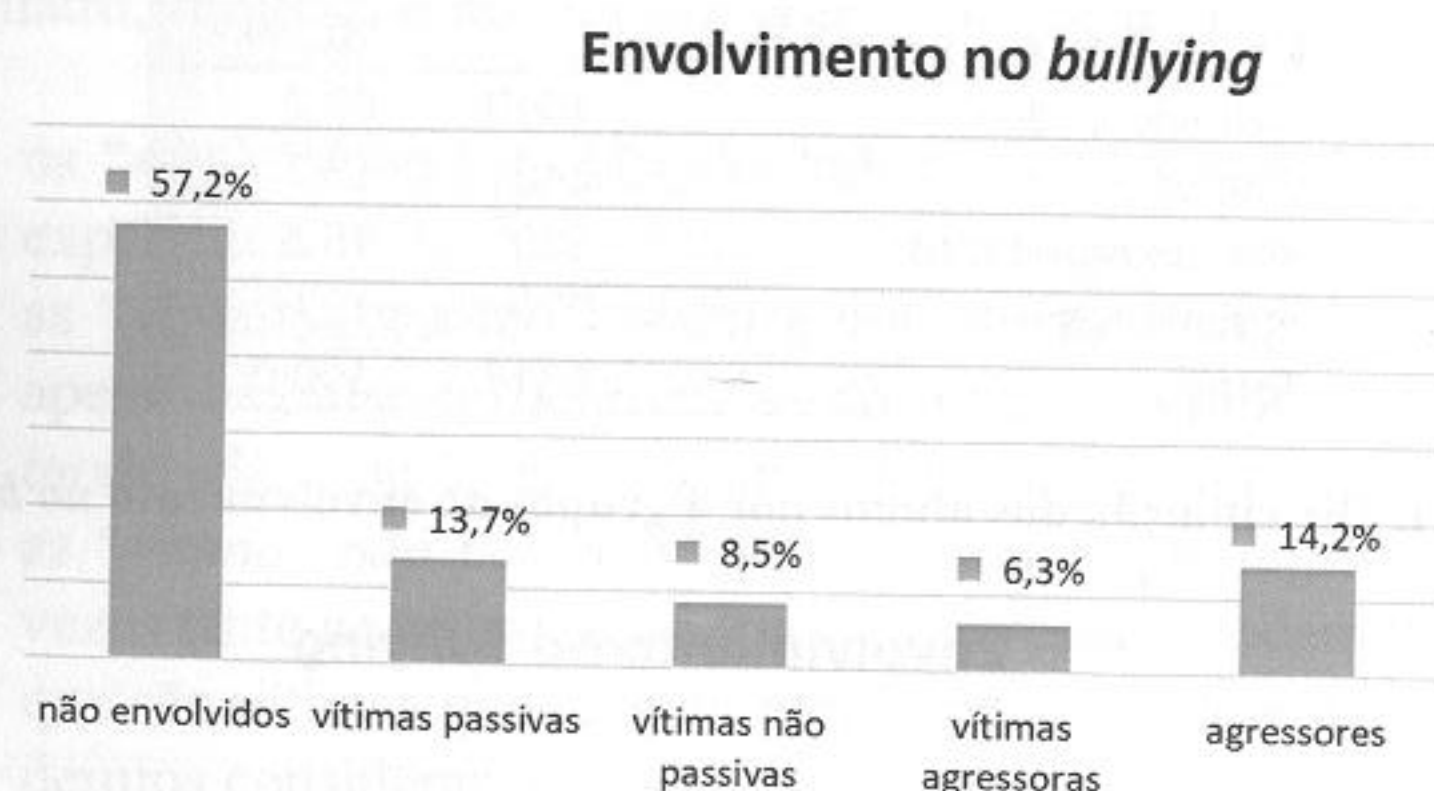
Seguidamente apresentamos a Tabela 4 complementada pela Figura 2 com a nova sistematização, na qual os alunos são distribuídos por cinco grupos e não pelos tradicionais quatro, em função do seu posicionamento face ao *bullying* escolar.

Tabela 4

Grupos de envolvimento no *bullying* de acordo com a nova sistematização

Grupos de envolvimento	f	%
não envolvidos	1040	57,2
Vítima passiva	249	13,7
Vítima não passiva	155	8,5
Vítima agressora	115	6,3
Agressor	259	14,2
Total	1818	100,0

Figura 2. Distribuição dos alunos por cinco grupos de envolvimento no *bullying*



Os resultados encontrados são os seguintes:

- Alunos não envolvidos* – 57,2% (n=1040) dos alunos não estão envolvidos diretamente no *bullying*;
- Vítimas passivas* – 13,7% (n=249) dos alunos apesar de terem sido intimidados de alguma forma não reagiram de modo idêntico para com os seus pares. Porém, no seio deste grupo há que distinguir os

alunos que reportaram apenas 1 ou 2 ocorrências, durante o espaço de tempo estudado, 10,6% (n=192) e aqueles que relataram a vitimização por 3, 4, 5 ou mais vezes, 3,1% (n=57);

- Vítimas não passivas* – 8,5% (n=155) dos alunos estão envolvidos 1 ou 2 vezes em ambas as situações, ou seja, perante a agressão através de *bullying* reagiram da mesma forma, possivelmente na tentativa de a cessar ou de prevenir futuros “ataques”. Neste grupo também podemos encontrar os alunos que após terem tido a iniciativa de intimidar outros colegas, acabaram eles próprios por serem vítimas dessas práticas;
- Vítimas agressoras* – 6,3% (n=115) dos alunos estão expressivamente envolvidos nas duas faces do *bullying* escolar. São alunos altamente vitimados pelo menos em 3, 4, 5 ou mais ocasiões, durante o espaço de tempo estudado, mas que também agredem os colegas da mesma forma, 1,5% (n=28) também o fez em 3, 4, 5 ou mais vezes e 4,8% (n=87) em 1 ou 2 situações. Este é o grupo mais preocupante de todos, de acordo com a literatura consultada;
- Agressores* – 14,3% (n=259) dos alunos admitiram ter perpetrado ações de *bullying* contra os seus pares, contudo é importante distinguir que 10,3% (n=187) dos alunos fizeram-no só uma ou duas vezes durante o terceiro período do último ano letivo (cerca de 2 meses) e apenas 4% (n=72 alunos) assumiram 3, 4, 5 ou mais agressões através de *bullying* durante o período estudado.

Dos 14,3% de agressores, 1,7% (n=30) até acabaram por ser vítima (1 ou 2 vezes), nas frequentes situações em que se envolveram. Possivelmente foram algumas tentativas de intimidação que obtiveram uma resposta imprevista e mais agressiva do que estes alunos estavam à espera. No entanto a tendência dos indivíduos pertencentes a este grupo é claramente de promoção do *bullying* ante os seus semelhantes e não a de serem eles os alvos desse processo.

Caracterização dos diferentes grupos de acordo com variáveis intrínsecas ao comportamento *bullying*

Na análise das variáveis intrínsecas ao *bullying* utilizamos os dados provenientes das questões relativas às situações de *bullying* vividas ou presenciadas pelos alunos, nomeadamente as questões que dizem respeito às atitudes sobre o *bullying*, à possibilidade ou não do recurso à agressão, à

origem da agressão, aos tipos de agressão sofridos, à existência ou não de múltiplas formas de agressão associadas (densidade do *bullying*), à percepção de auxílio, ao relatar das agressões sofridas e finalmente, à possibilidade de colaborar em ações de *bullying* contra outros jovens (ver Tabela 5 e 6).

Tabela 5

Resultados dos diferentes grupos de envolvimento nas atitudes sobre o *bullying*

Variáveis intrínsecas		Grupos envolvidos no <i>bullying</i>									
		Não Envolvidos (n=1040)		Vítima Passiva (n=249)		Vítima não passiva (n=155)		Vítima Agressora (n=115)		Agressores (n=259)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Atitudes sobre o <i>bullying</i>	Chamo alguém para ajudar	397	38,2	91	36,5	50	32,3	40	34,8	66	25,5
	Não faço nada, não é nada comigo	125	12,0	26	10,4	12	7,7	8	7,0	37	14,3
	Ajudo só se for meu amigo (a)	125	12,0	33	13,3	23	14,8	12	10,4	53	20,5
	Não faço nada mas acho que deveria ajudar	174	16,7	55	22,1	35	22,6	27	23,5	30	11,6
	Não faço nada porque podem vingar-se em mim	98	9,4	49	19,7	26	16,8	24	20,9	17	6,6
	Ajudo mesmo que não conheça	250	24,0	53	21,3	39	25,2	41	35,7	81	31,3

Tabela 6

Resultados dos diferentes grupos de envolvimento nas restantes variáveis intrínsecas analisadas

Variáveis intrínsecas		Grupos envolvidos no <i>bullying</i>									
		Não Envolvidos (n=1040)		Vítima Passiva (n=249)		Vítima não passiva (n=155)		Vítima Agressora (n=115)		Agressores (n=259)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Recurso à agressão/ bullying	opção – sim	19	1,8	4	1,6	9	5,8	3	2,6	17	6,6
	opção – não	795	76,4	188	75,5	91	58,7	55	47,8	119	45,9
Origem da agressão	Um rapaz	0	0,0	68	27,3	45	29,0	14	12,2	9	3,5
	Vários rapazes	0	0,0	71	28,5	34	21,9	46	40,0	12	4,6
	Insultos verbais	0	0,0	179	71,9	105	67,7	105	91,3	13	5,0
Tipos de agressão	Intrigas/calúnias	0	0,0	100	40,2	64	41,3	67	58,3	8	3,1
	Agressão física	0	0,0	62	24,9	30	19,4	51	44,3	11	4,2
Densidade bullying	1 forma	0	0,0	90	36,1	57	36,8	8	7,0	16	6,2
	4 formas ou mais	0	0,0	36	14,5	20	12,9	48	41,7	3	1,2
A percepção da ajuda	Ninguém ajudou	0	0,0	90	36,1	36	23,2	26	22,6	11	4,2
	2 ou mais rapazes	0	0,0	16	6,4	13	8,4	19	16,5	6	2,3
	não disse a ninguém	0	0,0	91	36,5	46	29,7	21	18,3	7	2,7
Reportar o bullying	Disse aos pais ou e.e.	0	0,0	93	37,3	42	27,1	54	47,0	9	3,5
	Disse aos irmãos	0	0,0	27	10,8	22	14,2	24	20,9	6	2,3
Colaborar no bullying contra outros colegas na escola		34	3,3	11	4,4	40	25,8	40	34,8	88	33,9

Atitudes sobre o *bullying*

Os alunos não envolvidos são os que mais optam por chamar alguém para ajudar (38,2%; n=397), preferindo não intervir diretamente, enquanto os alunos envolvidos em conjunto ficam-se pelos 31,7% (n=247) nesta questão ($p \leq 0,01$).

A reação manifestada pelos alunos envolvidos (n=778) parece variar em função do seu protagonismo neste fenómeno. Os agressores têm uma postura sobre o *bullying* que se distingue negativamente porque correspondem a atitudes pouco solidárias. São os agressores os alunos que mais respondem afirmativamente às opções “*não faço nada, não é nada comigo*”, 14,3% (n=37; $p < 0,05$), e “*ajudo só se for meu amigo*”, 20,5% (n=53; $p < 0,01$). Os agressores também são o grupo que perante uma ocorrência de *bullying*, menos manifesta a intenção de chamar alguém para ajudar a vítima, apenas 25,5% (n=66; $p < 0,01$) o fazem.

Numa observação pelos diversos tipos de vítimas destaca-se logo uma posição receosa do grupo das *vítimas passivas* que para além de ser o grupo que mais concorda com a afirmação “*não faço nada porque podem vingar-se em mim*” (19,7%; n=49; $p < 0,05$), é o que menos manifesta intenção de *ajudar um colega que não conheça* (21,3%; n=53; $p < 0,01$). Este grupo, à semelhança dos colegas *não envolvidos*, prefere chamar alguém para ajudar (36,5%; n=91; $p < 0,05$) do que intervir de forma direta.

Recurso à agressão

Os alunos que mais concordaram com a possibilidade de agredir um colega de que não gostem (opção – *sim*) foram os *agressores* (6,6%; n=17; $p < 0,001$), seguidos inesperadamente pelas *vítimas não passivas* (5,8%; n=9; $p < 0,01$). Estes dois grupos foram os que se destacaram mais significativamente dos colegas *não envolvidos* em relação a esta questão. Pelo contrário os grupos que mais reprovaram esta suposição (opção – *não*) foram claramente os alunos *não envolvidos* (76,4%; n=795; $p < 0,01$), seguidos pelas *vítimas passivas* (75,5%; n=188; $p < 0,05$), aliás, as posições destes grupos não se diferenciam estatisticamente.

A origem da agressão/*bullying*

As *vítimas agressoras* distinguem-se dos outros tipos de vítimas no que respeita ao número de agressores que estão na origem do *bullying*. Para este tipo de vítima o maior perigo reside no plural, ou seja, estes alunos são mais

vítimas de “*vários rapazes*” (40,0%; n=46; $p < 0,01$) e menos vítimas de “*um rapaz*” (12,2%; n=14; $p < 0,001$), do que os outros colegas vitimados. Pelo contrário, as vítimas *não passivas* parecem temer os rapazes quando estes agem individualmente (29,0%; n=45; $p < 0,01$).

Formas ou tipos de agressão/*bullying*

As agressões mais comuns são a forma verbal direta ou os insultos verbais, afetando 402 alunos (51,7% dos alunos envolvidos em *bullying*), seguida pela forma relacional indireta “*falar de mim ou dizer segredos sobre mim*”, atingindo 239 alunos (30,7% dos envolvidos) e só depois aparece a forma física direta “*bateram-me, deram-me murros ou pontapés*”, reportada por 154 alunos (19,8% dos envolvidos). Nas *vítimas passivas* temos o perfil típico que acabamos de referir; o maior problema são os insultos – “*chamar nomes feios*” (71,9%; n=179), seguido pelas intrigas – “*falar de mim ou dizer segredos sobre mim*” (40,2%; n=100) e pela agressão física – “*bateram-me, deram-me murros ou pontapés*” (24,9%; n=62). O grupo das *vítimas não passivas* distingue-se dos restantes porque após as duas primeiras formas de agressão, “*chamar nomes feios*” (67,7%; n=105) e “*falar de mim ou dizer segredos sobre mim*” (41,3%; n=64), não aparece a forma física direta (19,4%; n=30), que surge apenas em quinto lugar, após outras duas formas diretas mas não físicas, “*ameaçaram-me e meteram-me medo*” e “*pediram-me dinheiro emprestado e não o devolveram*”.

No grupo das *vítimas agressoras* os resultados estão de acordo com as três principais formas de agressão e respetiva ordem anteriormente referida, no entanto com percentagens de vitimização muito mais elevadas, como é compreensível dado o critério de atribuição do estatuto de vítima agressora aos alunos. Assim temos, os insultos a atingir 91,3% (n=105) destes alunos, as intrigas a afetar 58,3% (n=67) e o *bullying* físico direto a expressiva percentagem de 44,3% (n=51). Finalmente os poucos *agressores* que pontualmente se sentem vitimados diferem dos restantes colegas envolvidos no *bullying* já que no seu caso a agressão física é a segunda forma de agressão mais comum neste grupo (4,2%; n=11), após os insultos (5,0%; n=13) e antes das intrigas (3,1%; n=8).

Densidade do *bullying* (Múltiplas formas de agressão)

Os resultados sobre o número de formas de *bullying* associadas ou a densidade do *bullying* evidenciaram a situação vivida pelas *vítimas agressoras*. Este grupo reporta agressões/*bullying* com uma densidade muito

superior à das restantes vítimas. As agressões foram significativamente superiores na opção de resposta “4 formas ou mais” (41,7%; n=48; p<0,001) e significativamente menores na opção “1 forma” (7,0%; n=8; p<0,001).

A percepção de apoio em situações de vitimização

A percepção dos alunos em relação à existência de apoio assume contornos distintos conforme o grupo de envolvimento a que os jovens pertencem. Dos alunos diretamente envolvidos em ocorrências de *bullying*, as vítimas passivas são significativamente os alunos que menos se sentem apoiados quando estas situações ocorrem (36,1%; n=90; p<0,01). As vítimas agressoras, por sua vez, recebem mais ajuda de 2 ou mais rapazes do que as outras vítimas (16,5%; n=19; p<0,01). Este facto pode estar relacionado com a origem da agressão que no caso destas vítimas normalmente provém de vários agressores simultaneamente.

Reportar as situações de bullying

Após a ocorrência de uma situação de *bullying* os alunos podem optar por não contar a ninguém o sucedido, por medo de represálias ou por vergonha de não terem sido capazes de se defender eficazmente. Os alunos que mais optam por não contar a ninguém as situações de *bullying* são as vítimas passivas e as que as que mais reportam este tipo de situações são claramente as vítimas agressoras.

Entre os três grupos de vítimas detetamos diferenças significativas relativamente à opção “não disse a ninguém”, maioritariamente assumida pelas vítimas passivas (36,5%; n=91) em contraste com as vítimas agressoras (18,3%; n=21), como já foi referido (p<0,01); à opção “disse aos pais ou encarregado de educação”, com as vítimas agressoras (47,0%; n=54) e as vítimas não passivas (27,1%; n=42) nas posições limites (p<0,01) e à opção “disse a um irmão ou irmã”, com as vítimas passivas (10,8%; n=27) a serem os jovens que menos recorrem a esta hipótese e as vítimas agressoras (20,9%; n=24) os que mais o fazem (p<0,05).

Colabora na agressão/bullying a outros jovens

Os alunos mesmo que não estejam envolvidos diretamente em *bullying*, seja como vítima ou agressor, podem no entanto juntar-se a outros colegas no intuito de fazer mal a algum rapaz ou rapariga. Neste caso, fornecem apoio à agressão direta perpetrada por outros.

As vítimas agressoras são o grupo que proporcionalmente mais assume participar nestas situações (34,8%; n=40), só depois é que surgem os agressores (33,9%; n=88) e as vítimas não passivas (25,8%; n=40). As vítimas passivas são os alunos envolvidos diretamente no *bullying* que menos participam nestas ações negativas conjuntas, com um valor de 4,4% (n=11) que os aproxima muito do resultado do grupo dos não envolvidos (3,3%; n=34). A comprovar estes dados temos os resultados dos testes de significância que não traduzem diferenças significativas entre as percentagens obtidas pelas vítimas agressoras, agressores e vítimas não passivas e ainda entre as vítimas passivas e os colegas não envolvidos em *bullying*.

Síntese da caracterização dos grupos envolvidos no bullying

Após a análise do envolvimento dos jovens no *bullying* relativamente às variáveis que denominamos como intrínsecas a este comportamento, as Tabelas 7, 8 e 9 (apresentadas de seguida) sintetizam os resultados mais relevantes obtidos pelos diferentes grupos sistematizados.

As comparações intergrupais variam em função das variáveis examinadas de forma a fazer sobressair as análises mais pertinentes e adequadas face à informação disponível. Esta tabela permite uma visão sintética e objetiva dos resultados anteriormente descritos.

Tabela 7

Resumo das características que se diferenciam estatisticamente nas "atitudes sobre o bullying"

Variáveis intrínsecas	Grupos envolvidos no bullying				
	Não Envolvidos (n=1040)	Vítima Passiva (n=249)	Vítima não passiva (n=155)	Vítima Agressora (n=115)	Agressores (n=259)
Chama alguém para ajudar	Mais do que os envolvidos (p≤0,01)	Mais do que os outros envolvidos (p≤0,05) ^a	ns	ns	Menos que as vítimas (p≤0,01) ^a
Não faz nada porque não é nada com ele	ns	ns	ns	ns	Mais do que as vítimas (p≤0,05) ^a
Ajuda só se for seu amigo	ns	ns	ns	ns	Mais do que as vítimas (p≤0,01) ^a
Não faz nada, mas acha que deveria ajudar	ns	ns	ns	ns	Menos do que as vítimas (p≤0,001) ^a
Não faz nada porque podem vingar-se nele	ns	Mais do que os outros envolvidos (p≤0,05) ^a	ns	ns	Menos do que as vítimas (p≤0,001) ^a
Ajuda mesmo que não conheça	ns	Menos do que os outros envolvidos (p≤0,01) ^a	ns	Mais do que os outros envolvidos (p≤0,05) ^a	ns

Legenda: ns = diferença estatisticamente não significativa
 Notas: ^ax² calculado entre os alunos dos respectivos grupos de envolvimento e os restantes elementos envolvidos em bullying.

Tabela 8

Resumo das características que se diferenciam estatisticamente nas variáveis "recurso à agressão", "origem da agressão" e "tipos de agressão"

Variáveis intrínsecas	Grupos envolvidos no bullying				
	Não Envolvidos (n=1040)	Vítima Passiva (n=249)	Vítima não passiva (n=155)	Vítima Agressora (n=115)	Agressores (n=259)
Recurso à agressão/ bullying (opção – sim)	Menos que os envolvidos (p≤0,01)	Menos que os outros envolvidos (p≤0,05) ^a	Mais que os não envolvidos (p≤0,01) ^b e as vítimas passivas (p≤0,05)	–	Mais que os não envolvidos (p≤0,001) ^b e as vítimas passivas (p≤0,01)
Origem da agressão	Um rapaz -	Mais que as Vítimas agressoras (p≤0,001)	Mais que as Vítimas agressoras (p≤0,001)	Menos que as outras vítimas (p≤0,01) ^c	ns
	Vários rapazes -	Menos que as Vítimas agressoras (p≤0,05)	Menos que as Vítimas agressoras (p≤0,001)	Menos que as outras vítimas (p≤0,01) ^c	ns
Tipos de agressão	-	1ºInsultos verbais	1ºInsultos verbais	1ºInsultos verbais	1ºInsultos verbais
		2ºIntrigas/calúnias	2ºIntrigas/calúnias	2ºIntrigas/calúnia	2ºAgressão física
		3ºAgressão física	3ºAmeaçar/medo	3ºAgressão física	3ºIntrigas/calúnias

Legenda: ns = diferença estatisticamente não significativa

Notas: ^a x² calculado entre os alunos dos respetivos grupos de envolvimento e os restantes elementos envolvidos em bullying;

^b x² calculado apenas em função da diferença entre cada grupo e os alunos não envolvidos;

^c x² calculado em função da diferença entre os três grupos de vítimas. Os agressores foram tidos como *missing*.

Tabela 9

Resumo das características que se diferenciam estatisticamente nas variáveis “densidade do bullying”, “a percepção da ajuda”, “reportar o bullying”, “colaborar no bullying contra outros jovens”

Variáveis intrínsecas	Grupos envolvidos no bullying				
	Não Envolvidos (n=1040)	Vítima Passiva (n=249)	Vítima não passiva (n=155)	Vítima Agressora (n=115)	Agressores (n=259)
Densidade bullying	1 forma -	ns	ns	Menos que as outras vítimas ($p \leq 0,001$) ^d	ns
	4 formas ou mais -	ns	ns	Mais que as outras vítimas ($p \leq 0,001$) ^d	ns
A percepção da ajuda -		Recebe menos ajuda do que as outras vítimas ($p \leq 0,01$) ^c	ns	Recebe mais ajuda de 2 ou mais rapazes do que as outras vítimas ($p \leq 0,01$) ^c	ns
Reportar o bullying -		As vítimas que menos reportam ($p \leq 0,01$) ^c Reportam menos aos irmãos do que as outras vítimas ($p \leq 0,05$) ^c	Reportam menos aos pais do que as outras vítimas ($p \leq 0,01$) ^c	As vítimas que mais reportam ($p \leq 0,01$) ^c Reportam mais aos pais ($p \leq 0,01$) ^c e irmãos ($p \leq 0,05$) ^c do que as outras vítimas	ns
Colaborar no bullying contra outros jovens	Colaboram menos do que os colegas envolvidos ($p \leq 0,001$)	Colaboram menos nas agressões do que os outros envolvidos ($p \leq 0,001$) ^a	Colaboram mais do que os não envolvidos ($p \leq 0,001$) ^b e as vítimas passivas ($p \leq 0,001$)	Colaboram mais do que os não envolvidos ($p \leq 0,001$) ^b e as vítimas passivas ($p \leq 0,001$)	Colaboram mais do que os não envolvidos ($p \leq 0,001$) ^b e as vítimas passivas ($p \leq 0,001$)

Legenda: ns = diferença estatisticamente não significativa

Notas: ^a χ^2 calculado entre os alunos dos respetivos grupos de envolvimento e os restantes elementos envolvidos em bullying;

^b χ^2 calculado apenas em função da diferença entre cada grupo e os alunos não envolvidos;

^c χ^2 calculado em função da diferença entre os três grupos de vítimas. Os agressores foram tidos como missing;

^d χ^2 calculado em função da diferença entre as vítimas agressoras e os outros dois tipos de vítimas conjuntamente.

Discussão

Os diferentes grupos de envolvimento dos alunos face ao bullying

Distribuir os alunos de acordo com cinco grupos de envolvimento – não envolvidos, vítimas passivas, vítimas não passivas, vítimas agressoras e agressores – em vez dos tradicionais quatro, parece traduzir melhor a realidade do bullying nas escolas estudadas. A utilidade de uma sistematização mais minuciosa reside no facto desta aumentar a compreensão sobre o papel dos indivíduos envolvidos nas situações de bullying, as suas reações mais ou menos passivas, as suas atitudes mais ou menos agressivas e o maior ou menor grau de intensidade com que todas estas tendências se manifestam.

Desde os alunos que não se encontram diretamente envolvidos nesta forma específica de agressividade entre pares, até aqueles que têm a iniciativa de intimidar os colegas, podemos observar um contínuo de vários tipos de ligação ao bullying. Entre estes dois grupos passamos pelos alunos que são vitimados e “aceitam” de forma aparentemente passiva a humilhação e/ou agressão por que passaram, os alunos que ao serem vítimas reagem de imediato e da mesma forma para com os seus pares, eventualmente por sentirem que é uma forma mais eficaz de solucionar o seu problema e de prevenir futuros ataques e finalmente os alunos que estão intensamente envolvidos no bullying, tanto como vítimas como agressores. São jovens cujos comportamentos constantemente disruptivos e provocadores criam em seu redor um constante burburinho e um ambiente frequentemente atribulado.

É ao nível das vítimas que reside o aspeto mais inovador desta análise, já que parece observar-se três tipos de comportamentos diferenciados diante a agressão de que são alvo e não apenas dois como geralmente é aceite (Olweus, 1993; Piedra et al., 2006; Rigby, 2007; Stein et al., 2007). É precisamente o tipo de resposta evidenciada e a sua frequência que na nossa opinião justifica a sua distinção em três tipos de vítimas: as vítimas passivas, as vítimas agressoras e as vítimas não passivas.

Perfis dos intervenientes no bullying

Perfil das vítimas passivas

A maioria das vítimas, 13,7%, apenas se limitam a registar as agressões recebidas, independentemente destas ocorrerem mais ou menos frequentemente. Estes jovens não reagem agressivamente para com os seus pares, mesmo após as situações por que passaram. Isto ocorre porque são os alunos

mais receosos face ao *bullying*. Quando questionados sobre a sua ação ao presenciar situações deste tipo, são os alunos com mais medo de serem os próximos alvos da agressão/*bullying* ou de um outro tipo de retaliação. São igualmente os que têm menos intenção em ajudar um desconhecido com um problema idêntico e preferem chamar outras pessoas para o fazer, do que intervir diretamente.

O padrão de resposta passiva ou a não resposta destas vítimas, embora evite que o *bullying* se propague, infelizmente pode reforçar o comportamento negativo dos agressores, cujo sentimento de impunidade pelas suas ações os incita a repeti-las. Estas são as vítimas que, inclusivamente, menos concordam em ajudar a agredir um colega do qual não gostem e que menos colaboram em agressões conjuntas dentro ou fora da escola (apoio à agressão/*bullying*).

Este grupo é o que menos sente apoio do exterior quando confrontado com situações de *bullying* e é também o que menos reporta o sucedido a terceiros. O conjunto das características evidenciadas levam a que os jovens com este perfil sejam os mais difíceis de serem ajudados pelos pais ou professores, o que os leva a se sentirem cada vez mais isolados com o seu problema. Para podermos intervir com este tipo de vítimas devemos tentar identificar certos sinais de alerta, para além do que os alunos nos dizem ou pretendem que acreditemos.

Analisar os valores percentuais encontrados para as vítimas passivas, assim como para os outros grupos envolvidos no *bullying*, comparando-os com idênticas referências na literatura não se advinha tarefa fácil. Isto porque os critérios de atribuição dos diferentes estatutos de participação no *bullying* variam em grande parte dos artigos consultados e em outros não estão claramente especificados. Assim sendo, devemos salvaguardar sempre os referidos critérios para melhor enquadrarmos os resultados descritos e não retirarmos ilações imprecisas. No caso das vítimas (*passivas*) o resultado encontrado foi de 13,7%, mas como referido oportunamente, 10,6% dos alunos registaram 1 ou 2 ocorrências e apenas 3,1% assinalaram 3 ou mais vezes, durante o terceiro período do ano letivo estudado.

No artigo de Swearer e Cary (2007), é feita uma análise de vários estudos realizados nos Estados Unidos em idades comparáveis mas com amostras de dimensão variável. As autoras concluem que as taxas de incidentes registadas neste país estão entre os 10%, de “vítimas extremas” de *bullying*, até uns elevados 75% de jovens que reportaram terem sido vitimadas alguma vez durante a sua escolaridade. Contudo referem que estudos mais recentes registam valores entre 8,4% a 20% de crianças americanas que reportaram serem vítimas várias vezes por semana, enquanto 24,2% a 44,6% reportaram ter sido vítimas pelo menos uma vez no último ano.

No Canadá, Janssen et al. (2004), num estudo representativo dos pré-adolescentes e adolescentes canadianos, com jovens entre os 11 e os 16 anos, regista uma percentagem de 11,6% de jovens que se encontravam num nível de vitimização igual ou superior a 2 ou 3 vezes por mês. O questionário individual utilizado por Janssen e colegas remetia igualmente os alunos para as situações ocorridas nos últimos dois meses. Um procedimento idêntico ao encontrado no trabalho de Spriggs, Lannotti, Nansel e Hatnie (2007), uma pesquisa transnacional envolvendo 36 países, coordenada com a Organização Mundial de Saúde (OMS) e intitulada *Health Behavior in School-Aged Children (HBSC)*. Neste estudo com alunos do 6º ao 10º grau, o critério para atribuição do estatuto de vítima era tê-lo sido 2 a 3 vezes por mês e nesta condição estavam 9% dos alunos.

É importante notar que nestas duas últimas referências foi considerada uma frequência de *bullying* mensal (número de ocorrências por mês), enquanto que na nossa pesquisa a frequência do *bullying* diz respeito a todo um período letivo. Desta forma podemos considerar que os valores do nosso estudo são mais baixos do que os dos estudos expostos.

Perfil das vítimas não passivas

Em menor número que o grupo anterior, cerca de 8,5% dos alunos da amostra, temos um tipo de vítima que apesar de não estar envolvida num *bullying* muito frequente e intenso, normalmente responde ao *bullying* de que é vítima com idêntica hostilidade. Defende-se destes ataques utilizando o mesmo tipo de argumentos para com os seus pares. De certa forma, esta parece ser a estratégia encontrada por estes jovens para se adaptar e “sobreviver” num ambiente escolar em que as relações são tensas e pouco condescendentes com suscetibilidades individuais.

Pela análise minuciosa dos questionários destes alunos, a sua resposta aparenta ser quase normativa e não o comportamento de jovens emocionalmente desequilibrados e socialmente incapazes como tradicionalmente são caracterizadas as *vítimas agressoras* (Juvonen, Graham & Schuster, 2003; Wolke et al., 2001; Sourander et al., 2007; Stein et al., 2007).

Não será esta uma reação mais espontânea, do que ser agredido e guardar essa experiência só para si ou mesmo expô-la a um adulto? Talvez uma certa reatividade por parte daqueles que são alvo de tentativas de intimidação/humilhação - sem ser desproporcionada e recorrente - seja uma resposta mais eficaz ao *bullying* do que uma atitude totalmente passiva que acaba por ser interpretada como um “consentimento” implícito para que continuem as provocações, assim como, o regozijo dos seus perpetradores

Ainda que o seu comportamento contribua para um clima pouco pacífico entre pares e nada complacente com a diferença, estes alunos desafiam-nos a compreender a eficácia da sua “estratégia”, ao se manterem no limite do *bullying*, no limiar deste problema, sem se “afundarem” nos seus efeitos nocivos. De certa forma, consideramos que as *vítimas passivas* podem ser vistas como uma “evolução adaptativa” das vítimas passivas. Uma evolução que acaba por ser mais positiva e vantajosa do que quando as vítimas se convertem realmente em agressoras (*vítimas agressoras*).

Neste grupo em particular, a agressão física é menos incidente do que na generalidade das vítimas, constitui apenas a quinta forma de agressão/*bullying* mais frequente e atinge menos de um quinto dos seus elementos. Este aspeto é relevante e pode significar que a atitude “menos passiva” destes alunos acaba por desencorajar, pelo menos algumas vezes, os agressores a chegar a vias de facto. Por outro lado, também podemos supor que estes alunos têm a possibilidade de expressar uma resposta mais enérgica (menos submissa), exatamente porque a agressão que lhes é dirigida, a maior parte das vezes, não é tão direta e violenta como a física.

No que concerne a relatar os problemas de *bullying*, as *vítimas não passivas* são as que menos o fazem em relação aos pais. Talvez isto aconteça porque estas vítimas acabam por encontrar uma forma de lidar com estes problemas por si sós ou com a ajuda dos amigos, sem terem que se “expor” às figuras adultas.

No cômputo geral a participação destes jovens no *bullying* aproxima-os dos colegas menos ofensivos, mas em algumas questões estão mais próximos das posições das *vítimas agressoras* e os próprios *agressores*, nomeadamente no apoio à agressão direta. Distinguem-se mais facilmente no contraste com as posições dos colegas *não envolvidos* diretamente no *bullying*, dos quais, demarcam-se atitudinal e comportamentalmente.

Uma vez que este perfil de vítimas resulta de uma nova sistematização dos grupos de alunos envolvidos em *bullying*, não foi possível encontrar referências em outras investigações que nos permitam enquadrar o valor alcançado neste estudo. Pensamos que os investigadores muitas vezes deparam-se com este perfil de aluno, mas como a sua participação é pouco expressiva e o seu papel pouco claro, não sabem ao certo como enquadrá-los, se vítima, se agressor ou ambos. No trabalho de Juvonen et al. (2003), os alunos também foram agrupados de acordo com o seu envolvimento no *bullying*, mas 22,0% (n=436) foram considerados *borderline*, ou seja, nem “envolvidos” nem “não envolvidos”. A tradução mais aproximada que se poderá fazer é de que eram alunos de perfil incerto, “no limite”, na “fronteira do *bullying*”.

Perfil das vítimas agressoras

Finalmente, um número muito mais limitado de vítimas, cerca de 6,3% dos alunos parece entrar numa espiral crescente de violência, envolvendo-se constantemente em *bullying*, tanto como vítimas como agressores. Estes alunos são sobretudo vítimas deste processo nefasto, mas também parecem contribuir veementemente para a continuidade destas situações com o seu comportamento provocador e hostil. Estes jovens parecem indiferentes à injustiça e ao sofrimento a que são submetidos, já que sistematicamente acometem a mesma maldade perante colegas física, psicológica, intelectualmente ou apenas contextualmente inferiorizados.

Mais de metade destes alunos concordam ou aceitam a possibilidade de ajudar a agredir um colega do qual não gostassem, proporção muito semelhante à dos agressores propriamente ditos. Este grupo de vítimas chega mesmo a ultrapassar os agressores no que diz respeito em colaborar ou participar em ações conjuntas contra colegas, na escola ou a caminho desta, o denominado apoio ao *bullying*.

Outras características marcantes da agressão/*bullying* a que estas vítimas estão sujeitas é que geralmente são agredidos por grupos de rapazes ou de rapazes e raparigas e poucas vezes por agressores a agir individualmente; são o grupo que sofre mais agressões físicas e no qual dois em cada três alunos estão sujeitos a pelo menos 3 formas associadas de *bullying* e dois em cada cinco têm de suportar uma vitimização por 4 ou mais formas.

O maior envolvimento grupal das situações de *bullying* que habitualmente envolvem *vítimas agressoras* também poderá explicar o facto de existirem vários agressores e do auxílio prestado surgir igualmente no plural.

Neste perfil de vitimização cujos elementos se expõem a severas consequências físicas, emocionais e sociais, (Juvonen et al., 2003; Nansel, Haynie e Simons-Morton, 2007; Stein et al., 2007) observamos que estes jovens são os que mais reportam este tipo de situações e fazem-no tanto aos adultos como aos seus pares. Mas se assim é, como é que o envolvimento destes jovens no *bullying* escolar é provavelmente o mais complexo e grave de todos? Possivelmente a frequência com que estes alunos estão em desarmonia com os colegas e fazem queixa destes, retira-lhes a credibilidade para denunciarem as verdadeiras agressões/*bullying* de que são, constantemente, alvos preferenciais.

Para além de Olweus (1993) que refere um valor percentual claramente mais reduzido de vítimas agressoras, na ordem dos 1,6%, entre os 8 e os 16 anos, o conjunto de resultados que encontramos em estudos que focam idades e/ou níveis de escolaridade semelhantes aos da nossa amostra,

centram-se sobretudo em dois patamares. O primeiro entre os 2,5% e os 3,1% de vítimas agressoras (Janssen et al., 2004; Nansel et al., 2007; Spriggs et al., 2007) e que corresponde, sensivelmente, a metade do número por nós identificado, o segundo entre os 6% e os 6,3% (Juvonen et al., 2003; Nansel, Overpeck, Pilla, Ruan, & Simons-Morton, 2001) que coincide com o nosso valor de referência.

Da análise à literatura depreendemos que o número de *vítimas agressoras* está dentro dos valores citados pela investigação internacional, contudo coincide com as estimativas mais elevadas.

Perfil dos agressores

No grupo dos agressores e com os dados deste estudo também há alguma inovação no que diz respeito ao critério para definir um aluno como agressor. Para além dos alunos que assinalaram exclusivamente a sua ação como agressores, de uma até cinco ou mais vezes, incluiu-se igualmente os alunos que para além de assumirem um elevado número de agressões 3, 4, 5 ou mais, também se queixaram de terem sido vítimas, mas apenas em 1 ou 2 ocasiões. Nesta situação encontravam-se 30 alunos (1,7% da amostra). É nossa convicção que embora estes alunos tivessem assinalado os dois campos do questionário (agressão e vitimização) o seu perfil é predominantemente agressor. Agressores que fruto do seu reiterado envolvimento em situações de intimidação e provocação podem, numa ou noutra vez, terem-se sentido humilhados e inferiorizados perante os seus pares. Eventualmente quando os colegas alvo das suas ações tinham um perfil não passivo (*vítimas não passivas*) ou mesmo agressivo (*vítimas agressoras*). Posição idêntica encontramos em Rigby (2002) quando refere que há distinções que se podem e devem fazer entre os agressores que são, eles próprios, frequentemente vitimizados e outros que raramente ou nunca o são.

O perfil de agressor foi atribuído a 259 alunos que constituem 14,2% da amostra e a sua posição sobre o *bullying* é a mais preocupante entre os vários perfis estudados. Frequentemente assumem posições pouco solidárias para com as vítimas deste problema (e.g. são os alunos envolvidos que menos manifestam intenção de chamar alguém para ajudar uma vítima de *bullying*, são os que mais afirmam nada fazer porque não é nada com eles ou que só ajudariam se fosse um amigo seu a ser vitimizado) e são os alunos que mais concordam ou pelo menos aceitam a possibilidade de recorrer à agressão/*bullying* contra um colega de que não gostem, assim como, colaborar e apoiar ações conjuntas de *bullying* promovidas por outros agressores.

No caso dos *agressores* que excecionalmente são vitimados, a maior percentagem das queixas recai sobre “vários rapazes” (4,6%), o que faz sentido porque no caso destes jovens é possível que seja necessário os seus adversários unirem forças para conseguir intimidá-los. Nestas situações, a hipótese de represálias entre grupos ou bandos rivais também não é de excluir. Talvez devido a este contexto, neste grupo a agressão física é a segunda forma mais comum de vitimização logo após a agressão verbal e não a terceira ou quinta como nos outros perfis analisados.

Tal como aconteceu com as *vítimas agressoras*, os resultados de outros estudos em que foram apuradas as percentagens de agressores, situam-se essencialmente em dois níveis. Primeiro entre os 7,0% e os 9,0% (Janssen et al., 2004; Juvonen et al., 2003; Olweus, 1993; Spriggs et al., 2007), o que constitui cerca de metade do nosso valor de referência e o segundo entre os 13,0% e os 14,0% (Glew et al., 2005; Nansel et al., 2001; Zimmerman, Glew, Christakis, & Katon, 2005), valores praticamente idênticos aos encontrados nas escolas desta região portuguesa. A nossa perceção bipolarizada dos resultados relativos aos agressores parece ser real porque Swearer e Cary (2007), a partir da metaanálise efetuada a vários estudos, referem justamente que os resultados relativos à incidência de agressores situam-se precisamente entre os 9,0% e os 13,0%, de alunos que assumiram agredir varias vezes os colegas.

Conclusão

Neste estudo ressalta a conclusão de que os três perfis de alunos internacionalmente aceites como tendo protagonismo direto no *bullying* (as *vítimas*, os *agressores* e as *vítimas agressoras*), não são suficientes para definir todos os tipos de envolvimentos que realmente existem. Alguns jovens apesar de participarem nestas situações não se enquadram exatamente em nenhum dos perfis estabelecidos. O novo enquadramento atribuído aos alunos que tanto são vítimas como agredem mas de forma menos frequente e repetida, resultou no aparecimento de um novo grupo de envolvimento, autónomo dos anteriormente existentes, denominado grupo das *vítimas não passivas*.

As *vítimas não passivas* embora “nascendo” ou surgindo das *vítimas agressoras* distinguem-se destas e assumem características próprias, muitas delas mais próximas das *vítimas passivas* do que das *vítimas agressoras*. Em outros aspetos parecem situar-se numa posição intermédia diante destes dois tipos de vítimas, mas pelo conjunto de comportamentos que manifestam merecem claramente um estatuto próprio, dentro da problemática da vitimização e uma intervenção adequada na questão do *bullying*.

Neste estudo também percebemos que o facto de alguns *agressores* manifestarem um comportamento frequentemente agressivo para com os seus pares, não os impede de em algumas situações se sentirem, eles próprios, vítimas da ação dos colegas (ainda que raramente). Na nossa opinião não atribuir o estatuto de agressor/*bully* a um aluno que assumiu ter agredido/*bullied* os colegas por 3, 4 ou mais vezes, apenas porque certa vez este jovem também se sentiu intimidado ou insultado, não é um critério ajustado e contribuiria para o enviesamento dos resultados obtidos.

Esta forma inovadora de interpretar o comportamento dos alunos tem impacto na análise global do fenómeno *bullying*, já que se traduz em totais distintos entre os alunos que são essencialmente vítimas e os que são sobretudo agressores. Embora não exista uma alteração no número total de alunos da amostra que estão envolvidos em *bullying*, esta sistematização faz toda a diferença quando o objetivo é planear uma intervenção com estes jovens. Os fundamentos e argumentos de uma intervenção dirigida a um aluno que é essencialmente vítima deste processo, ou seja, alguém que vê o *bullying* como um problema, um obstáculo, ao seu bem-estar e à relação com os seus pares - embora as suas formas de reagir possam ser distintas como vimos anteriormente - são naturalmente bem distintos daqueles que estão na base de uma intervenção dirigida a um aluno que é predominantemente pró-ativo na agressão/*bullying* que encontramos em contexto escolar.

Podemos ainda referir que apenas conhecendo os verdadeiros motivos pelos quais os alunos se queixam do *bullying* e distinguindo os diferentes protagonismos e ações dos seus intervenientes, é que se poderá conhecer a verdadeira arquitetura social deste problema e intervir mais eficazmente ao nível dos seus mecanismos de expansão e proliferação.

REFERÊNCIAS

- Due, P., & Holstein, B. (2008). *Bullying victimization among 13 to 15 year old school children: Results from two comparative studies in 66 countries and regions. International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 20 (2), 209-221.
- Escury, A. & Dudink, A. (2010). *Bullying Beyond School: Examining the Role of Sports*. In S. Jimerson, S. Swearer, & D. Espelage (Eds.), *Handbook of Bullying in Schools – An International Perspective* (p.235-248). New York. Routledge.
- Glew, G., Fan, M., Katon, W., Rivara, F., & Kernic, M. (2005). *Bullying, Psychosocial Adjustment and Academic Performance in Elementary School. Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 159, 1026-1031.
- Janssen, I., Craig, W., Boyce, W., & Pickett, W. (2004). Associations Between Overweight and Obesity With *Bullying* Behaviors in School-Aged Children. *Journal of the American Academy of Pediatrics*, 113 (5), 1187-1194. Acedido a 21 de janeiro de 2009, em <http://www.pediatrics.org/cgi/content/full/113/5/1187>
- Juvonen, J., Graham, S., & Schuster, M. (2003), *Bullying Among Young Adolescents: The Strong, the Weak, and the Troubled*, *Official Journal of the American Academy of Pediatrics*, 112 (6); 1231-1237.
- Kumpulainen, K. (2008). Psychiatric conditions associated with *bullying*. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 20 (2), 121-132.
- Nansel, T., Overpeck, M., Pilla, R., Ruan, W., Simons-Morton, B., & Scheidt, P. (2001). *Bullying behaviors among US youth. JAMA - Journal of the American Medical Association*, 285, 2094-2100. Acedido a 20 de maio de 2009, em <http://jama.ama-assn.org/content/285/16/2094.full>
- Nansel, T., Haynie, D., & Simons-Morton, B. (2007). The Association of *Bullying* and Victimization with Middle School Adjustment. In J. Zins, M. Elias, & C. Maher (Eds.), *Bullying, Victimization, and Peer Harassment - A Handbook of Prevention and Intervention* (p. 49-65). New York: The Haworth Press.

- Olweus, D. (1989). Prevalence and incidence in the study of antisocial behavior: Definitions and measurement. In M. Klein (Ed.), *Cross-national research in self-reported crime and delinquency* (p. 187-201). Dordrecht, The Netherlands: Kluwer.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at School. What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Pellegrini, A., Bartini, M., & Brooks, F. (1999). School bullies, victims, and aggressive victims: Factors relating to group affiliation and victimization in early adolescence. *Journal of Educational Psychology*, 91 (2), 216-224.
- Pepler, D., Craig, W., Jiang, D., & Connolly, J. (2008). The development of bullying. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 20 (2), 113-119.
- Pereira, B. (2006). Prevenção da violência em contexto escolar: Diagnóstico e programa de intervenção. In J. Clemente de Souza Neto & M. Leticia B. P. Nascimento (Eds.), *Violência, Instituições e Políticas Públicas* (p. 43-51). São Paulo: Expressão e Arte Editora.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*, (2.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L., & Smith, P. (2004). Bullying in Portuguese Schools. *School Psychology International*, 25 (2), 241-253.
- Piedra, R., Lago, A., & Massa, J. (2006). Crianças contra Crianças: O bullying, uma perturbação emergente. *An Pediatr (ed. Port.)*, 1(2), 101-104.
- Rigby, K. (2002). *New Perspectives on Bullying*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Rigby, K. (2007). *Bullying in schools and what to do about it*. Victoria: Acer Press.
- Sharp, S., & Smith, P. (1994). Understanding bullying. In S. Sharp & P. Smith (Eds.), *Tackling Bullying in Your School* (p.1-6). London: Routledge.

- Smith, P., & Monks, C. (2008). Concepts of bullying: Developmental and cultural aspects. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 20 (2), 101-102.
- Sourander, A., Jensen, P., Rönning, J., Niemelä, S., Helenius, H., Sillanmäki, L. et al. (2007). What Is The Early Adulthood Outcome of Boys Who bully or Are Bullied in Childhood? The Finnish "From a Boy to a Man" Study. *Journal of the American Academy of Pediatrics*, 120 (2), 397-404. Acedido a 16 de janeiro de 2009, em <http://pediatrics.aappublications.org/cgi/content/full>
- Spriggs, A., Lannotti, R., Nansel, T., & Hatnie, D. (2007). Adolescent Bullying Involvement and Perceived Family, Peer and School Relations: Commonalities (semelhanças) and Differences Across Race/Ethnicity. *The Journal of adolescent health*, 41 (3), 283-293.
- Stein, J., Dukes, R., & Warren, J. (2007). Adolescent Male Bullies, Victims, and Bully-Victims: A Comparison of Psychosocial and Behavioral Characteristics. *Journal of Pediatric Psychology* 32 (3), 273-282. Acedido a 9 de janeiro de 2009, na base de dados PubMed.
- Swearer, S., & Cary, P. (2007). Perceptions and Attitudes Toward Bullying in Middle School Youth: A Developmental Examination Across the Bully/Victim Continuum. In J. Zins, M. Elias, & C. Maher. (2007). *Bullying, Victimization, and Peer Harassment - A Handbook of Prevention and Intervention* (p. 67-83). New York: The Haworth Press.
- Swearer, S., & Doll, B. (2001). Bullying in schools: An ecological framework. *Journal of Emotional Abuse*, 2 (2-3), 7-23.
- Wolke, S., Woods, S., Bloomfield, L., & Karstadt, L. (2001). Bullying involvement in primary school and common health problems. *Archives of Disease in Childhood*, 85, 197-201. Acedido a 12 de janeiro de 2009, na base de dados PubMed.
- Zimmerman, F. Glew, G. Christakis, D., & Katon, W. (2005). Early Cognitive Stimulation, Emotional Support, and Television Watching as Predictors of Subsequent Bullying Among Grade-School Children. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 159 (4), 384-388.